ARTIGO

CRONISTAS, ARQUEÓLOGOS E SEU DISTANCIAMENTO DESNECESSÁRIO: AS RICAS INFORMAÇÕES DOS CRONISTAS SOBRE OS ARTEFATOS POLIDOS.

Gustavo Neves de Sousa
(Museu de Arqueologiae Etnologia da Universidade de São Paulo)

RESUMO

Desde a chegada dos primeiros europeus ao continente americano a vida dos habitantes primeiros destas terras vem sofrendo as conseqüências deste contato forçado. Felizmente alguns destes europeus se dedicaram a descrever as sociedades e os modos de vida dos povos que aqui encontraram, bem como alguns dos nascidos na terra o fizeram posteriormente.

O objetivo do presente trabalho portanto é, através de uma leitura acurada dos textos de cronistas e viajantes, apresentar os dados concretos que os mesmos nos proporcionam, mostrando como pode ser frutífera a busca por informações que nos escapam quanto utilizamos apenas a cultura material como forma de compreender as sociedades pretéritas, lugar comum na arqueologia pré-histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Brasileira - Lítico polido – Cronistas

ABSTRACT

Since the Discovery of the Americas by the Europeans the life of it's first inhabitants has been suffered the consequences of this forced contact. Fortunately, some of these Europeans dedicated some pages on the description of the societies and ways of life of the natives they found. Some of the first Brazilian writers did the same.

The aim of the present work is, through an accurate reading of chronists and travelers, shed light on the solid data they bring, showing how proficuous this search can be when looking for information that slips through our fingers when using material culture only as means to achieve a deeper knowledge of these pre-colonial societies, what is very common in pre-historic archaeology.

KEY WORDS: Brazilian Archaeology – Polished Lithics - Chronists

No presente artigo procederemos a uma explanação dos trechos nos quais os viajantes, cronistas, lingüistas e demais escritores dos séculos XVI a XIX fazem referência aos artefatos polidos. Estes trechos foram selecionados, a partir da leitura acurada de diversos livros, devido ao caráter elucidativo que eles apresentam. Desta forma pretendemos mostrar as valiosas contribuições que eles proporcionam ao nosso conhecimento destes artefatos, que desapareceram bastante rápido nos anos de colonização e ocupação dos territórios indígenas.

Todos os povos indígenas ao longo destes séculos de contato com "os brancos" sofreram mudanças mais ou menos profundas, em cada esfera do grupo e nos diferentes grupos . Estes artefatos, igualmente e, exatamente por serem parte integrante da (s) cultura(s), por vezes se modificaram, ou simplesmente desapareceram. É isso que faz destes autores fontes de suma importância, pois muitas vezes foram os últimos a presenciar certos objetos em pleno funcionamento, dentro de seus sistemas culturais; eficientes, não apenas enquanto artefatos, mas como parte da cultura de um povo.

Sabemos que a maior parte do material lítico polido que se encontra hoje nos museus é fruto de coletas assistemáticas, realizadas por amadores e, sobretudo, por curiosos. Certamente este fato é devido à maior visibilidade destes artefatos enquanto objetos antrópicos, em detrimento do material lítico lascado. Estes conjuntos por vezes formaram (e ainda formam) coleções com dezenas e até centenas de peças, que eventualmente são doadas aos museus. Não raro, esta doação é uma forma encontrada pelas famílias de se livrar das peças, que são vistas como uma excentricidade do ente que as colecionava e que não podem (ou não desejam) mais manter.

O destino destas peças é, frequentemente, o esquecimento, em algum canto; por vezes amontoadas nas gavetas ou bandejas das reservas técnicas, já abarrotadas. Pouquíssimos estudos são realizados com estas coleções, sob a alegação de que o material "não tem contexto". O fato de estas peças estarem desprovidas de informações precisas relativas a seus locais de origem certamente não impossibilita que elas possam trazer conhecimento sobre o passado e sobre as pessoas que delas fizeram uso. Como não pode deixar de ser, este conhecimento tem mão dupla. A análise destas coleções permite valorizar e atribuir sentido a diversas outras peças, que de outra forma permaneceriam incógnitas.

Contudo, as análises morfológicas e tecnológicas sozinhas são incapazes de trazer informações mais completas sobre as "carnes por entre as pedras", ou sobre as pessoas que se relacionavam com os artefatos. Relatos etnográficos são referências importantes para este conhecimento mais amplo. Contudo, devemos ter em mente que certamente há um distanciamento temporal, por vezes grande, entre os povos que vemos hoje (ou mesmo que tenhamos visto nos últimos decênios e até centênios) fazer uso dos artefatos em questão e os povos de mais cinco séculos atrás, cujos vestígios analisamos. Por mais que a região seja a mesma, que a suposta relação cultural com o grupo contemporâneo esteja bem estabelecida e que os modos de vida possam ter sido semelhantes, devemos estar cientes das limitações em nossas possibilidades de fazer referências, inferências e analogias (David&Kramer, 2001). Os grupos culturais são mutáveis, no espaço e no tempo.

As análises de coleções etnográficas são igualmente pontos importantes em que nos apoiar para atribuir significado ao material arqueológico, escavado ou coletado sem

maior rigor. Muitos dados relativos ao contexto em que as peças poderiam estar inseridas podem ser obtidos. Até mesmo as categorizações dos artefatos eventualmente estão disponíveis. Todavia, devemos novamente estar atentos à diacronia e às distinções entre as nossas categorias e as categorias êmicas (Dunnell, 2007 e Bueno, 2003). No caso das lâminas de pedra polidas, como foram algumas das primeiras a desaparecer no contato dos indígenas do Brasil com os europeus, sequer temos boas coleções etnográficas. Com as demais categorias de artefatos polidos a situação não difere muito da observada a respeito das lâminas.

Outra fonte muito importante de informações sobre os artefatos polidos, e que por vezes são as únicas de que podemos dispor, são os textos dos cronistas, linguistas e viajantes. Estas pessoas estiveram em contato com os povos que fizeram uso destes artefatos, e por vezes foram os últimos a vê-los em um *contexto sistêmico* (Schiffer, 1999). É possível que suas descrições estejam relacionadas a alguns dos artefatos que vemos hoje nas coleções. Estas são algumas das razões pelas quais se faz necessária uma leitura cuidadosa destes textos, objetivando trazer a lume as preciosas informações sobre os artefatos polidos que seus autores nos legaram.

OS RELATOS SOBRE AS LÂMINAS POLIDAS

Já na carta de Pero Vaz de Caminha, texto do século XVI que nos trás os primeiros relatos sobre os grupos habitantes do atual território do Brasil, encontramos as primeiras menções a essas peças, onde podemos observar algumas de suas características básicas. Caminha nos relata que os indígenas encontrados

"(...) não têm coisa, que de ferro seja e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau, entre duas talas mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes, segundo os homens que ontem às suas casas foram, diziam, por que lhes viram lá[1]*."...*

A partir deste trecho podemos notar que, de modo geral, as lâminas encabadas como machados, das quais dá conta Caminha neste trecho, deveriam ser instrumentos utilitários. Isto se depreende do fato de que, mesmo após uma semana de estadia, os portugueses somente haviam visto os índios portando arcos e flechas, tendo sido as lâminas de pedra polida avistadas apenas pelos que às malocas foram e, como podemos notar, eram encabadas de forma peculiar.

Porém, devemos observar com a devida cautela as descrições de Caminha. Embora em diversos pontos transpareça um olhar próximo daquilo que hoje chamamos de "antropológico", ele não estava particularmente preocupado em entender este aspecto da vida dos habitantes que ele acabava de encontrar na terra recém descoberta. Outrossim, é digno de nota o fato de que ele não observou estas peças de perto, o que torna, eventualmente, suas informações pouco precisas ou incompletas, dificultando a realização de uma abordagem mais profunda como a que nos propomos fazer. Os pontos de maior interesse neste trecho são as menções ao modo de encabamento das lâminas e suas finalidades, embora sejam ambas um pouco superficiais.

A outros cronistas devemos dispensar cuidados semelhantes no trato das informações textuais. Todavia, alguns deles, de fato observaram com maior atenção e curiosidade o uso das lâminas de pedra polida. Podemos notar esta atenção dispensada no trecho de Hans Staden (séc.XVI), artilheiro alemão que esteve cativo dos Tupinambá, na costa do atual estado do Rio de Janeiro.

1-A Carta de Pero Vaz de Caminha, Agir Rio 1965: 103

Ele descreve as lâminas de seus captores, e o modo como eram encabadas.

"(...)uma espécie de pedra preta azulada, a quem davam forma de uma cunha, cuja parte mais larga é mal cortante, com mais ou menos um palmo de comprimento, dois dedos de grossura, e a largura de uma mão. Umas são maiores, outras menores. Tomam depois um pau fino que vergam ao redor da pedra e amarram com fibras de embira[2]."... (Figura 1)

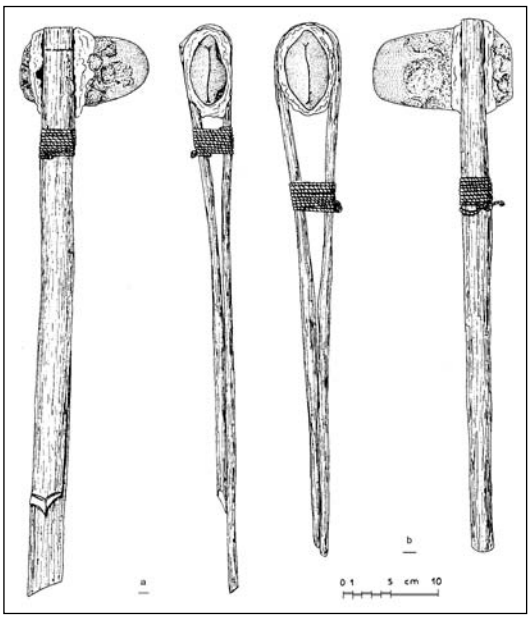


Figura.1, encabamento dobrado.

Aqui Staden nos permite ter uma idéia mais precisa de como eram de fato essas peças, bem como mais uma das formas de encabá-las. A forma de encabamento mencionada seria o chamado encabamento dobrado, diferente da mencionada por Caminha (ou talvez fosse o mesmo tipo, apenas observado e interpretado de forma diferente). Podemos perceber a lâmina, através desta citação, como um instrumento bastante tosco, pois não há qualquer menção de interesse estético, ou sequer do polimento. Esta técnica, que normalmente as deixa brilhantes, e que está presente em todas as lâminas (em maior ou menor grau), muitas vezes torna-as atraentes aos olhos, algo que não fora partilhado por Staden. Neste trecho podemos perceber também uma inferência do tradutor na interpretação das informações. Certamente, Staden não teria mencionado a palavra embira, inexistente no alemão. É, ademais, uma palavra sem sentido para os europeus em geral, já que é utilizada apenas pelos habitantes do Novo Mundo. Provavelmente, nem mesmo a palavra fibras tivesse sido usada, pois é uma palavra muito técnica (e moderna) para que ele pudesse tê-lo feito.

Os cronistas são fontes ricas porém, por vezes, contraditórias, c omo podemos perceber nos trechos que se seguem. Primeiramente Jean de Léry (séc. XVI), um huguenote francês que participou do início da ocupação francesa na costa do Rio de Janeiro, objetivando o estabelecimento da França Antártica:

..."Em verdade só cortam o pau Brasil depois que os franceses e portugueses começaram a freqüentar o país; anteriormente, como me foi dito por um ancião, derrubavam as árvores deitando-lhes fogo.[3]"...

Certamente a comunicação entre Léry e o ancião fora enviesada, como as demais citações a respeito permitem entrever. A derrubada da mata com os machados era largamente conhecida, de modo que aparece como improvável, e deveras estranho, que ele não tivesse informações a este respeito. Este modo de derrubada é mencionado em diversos outros autores, como Thévet, Cardim e Soares de Sousa (para citar apenas alguns). Levando-se em conta que o próprio Léry teria lido o livro de Thévet o estranha-

2 Hans Staden Viagem ao Brasil , Edições de Ouro, Rio 1968 : 231 (2ª parte, cap. IX) Tradução de A. Löefgren

3 Jean de Léry, Viagem à Terra do Brasil. (Trad. Sérgio Milliet) Ed. Itatiaia. EDUSP. 1980 p.168

mento se torna ainda maior. É bem verdade que Léry e Thévet fossem desafetos, mas me parece pouco provável que fizesse tal descrição apenas para desmenti-lo neste ponto, posto que, em outros em que o faz, se faz explícita esta intenção.

Como dissemos agora, a utilização da lâmina de pedra para a derrubada do mato é claramente perceptível na citação de Gabriel Soares de Sousa (séc.XVI), grande senhor de engenho do nordeste do Brasil, que montou uma malograda expedição às cabeceiras do Rio São Francisco:

...*"Na terra onde êste gentio vive estão mui faltos de ferramentas, por não terem comércio com os portuguêses; e apertados da necessidade cortam as árvores com umas ferramentas de pedra, que para isso fazem; com o que, ainda que com muito trabalho, roçam o mato para fazerem suas roças; do que também se aproveitava antigamente todo o outro gentio, antes que comunicasse com gente branca.*[4]"...

Aqui vemos que o autor tinha conhecimento a respeito do uso generalizado do machado de pedra no passado. Fica claro também que agora apenas em caso de necessidade ele ainda é utilizado. Neste trecho notamos ainda uma mudança rápida do uso da lâmina de pedra para a de ferro, trazida pelos europeus. Esta mudança para a de ferro estaria provavelmente associada a uma maior eficiência desta, já que é mencionado como mais custoso o trabalho com a pedra.

Notamos ainda um aspecto importante do uso do machado de pedra. Era utilizado para abrir a mata, na qual seriam plantadas as roças. Aqui percebemos a importância deste artefato no sistema de subsistência destas populações, provavelmente relacionada à agricultura de coivara.

4 Gabriel Soares de Sousa. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. EDUSP. 1971. p.335

Frei Vicente do Salvador (séc. XVII), primeiro brasileiro a escrever sobre a história do Brasil, corrobora a dificuldade com a qual os indígenas abriam a mata:

"(...)porque antigamente roçavam os matos com cunhas de pedra e gastavam muitos dias em cortar uma árvore,(...)[5]"

Por outro lado, outros autores corroboram o uso do fogo mencionado por Léry, mesmo que citem a lâmina de pedra associada ao mesmo. É o caso de Fernão Cardim (séc.XVI), jesuíta que passou por estados do nordeste e sudeste do Brasil, ao afirmar que:

"(...)derrubavão grandes matos com cunhas de pedra, ajudando-se do fogo; (...)[6]"

É um trecho que demonstra mais uma vez a associação da lâmina de pedra com a limpeza da floresta, juntamente com o fogo, artifício utilizado freqüentemente na agricultura de coivara.

Este papel importante, até então ocupado pela lâmina de pedra, vai rapidamente sendo tomado pela lâmina de metal. Esta adquire, talvez, um papel até mais importante, de forma que passa a ter reflexos em outras esferas da sociedade, como Frei Vicente menciona:

..."*Os que podem cativar na guerra levam para vender aos brancos, os quais lhe compram por um machado ou foice cada um*[7]*,(...)*"

No trecho acima vemos que até mesmo os cativos de guerra, que normalmente eram reservados aos rituais antropofágicos (ou simplesmente da quebra de crânio, depois de cristianizados), onde o valente guerreiro era aclamado e recebia nomes, que colecionava prestigiosamente a cada execu-

5 Frei Vicente de Salvador. História do Brasil 1500-1627. Editora Melhoramentos. São Paulo. 1975. Liv. 1, Cap. 13, p. 79

6 Fernão Cardim, Tratados da Terra e Gente do Brasil. Editora Itatiaia, Belo Horizonte. 1980. p. 94-95

7-Frei Vicente de Salvador. História do Brasil 1500-1627. Editora Melhoramentos. São Paulo. 1975. Liv. 1, Cap 17, p. 86.

ção, agora são convertidos em moeda de troca pelas desejadas lâminas de metal.

É fato que eventualmente a troca de prisioneiros por algum item de grande valor ocorresse, como veremos adiante (quando falarmos dos adornos) mas definitivamente este não era o fim, como aqui o texto permite observar.

Embora o apreço pelo metal seja notório, Cardim menciona que antes de sua introdução realizavam seus afazeres, incluindo a derrubada de grandes áreas de mata,

"(...)tão bem feitos como agora fazem, tendo instrumentos de ferro, porém gastavão muito tempo a fazer qualquer cousa, pelo que estimão muito o ferro pela qualidade que sentem em fazer suas cousas com elle, e esta é a razão porque folgão com a comunicação dos brancos[8]*."...*

Por fim, e a despeito do bom resultado que poderiam obter com seus instrumentos tradicionais, a citação mostra como o metal era eficiente, tendo se tornado um dos principais objetos de desejo dos indígenas no contato com os brancos. É fácil entender a situação. Uma vez criada a necessidade, torna-se difícil desvencilhar-se dela, como hoje experimentamos na sociedade de consumo. Lembramos porém que não era esse o intuito dos europeus para com os indígenas.

A despeito disso, os europeus certamente se aproveitaram desta situação criada para ganhar a confiança dos indígenas, como nos mostra o trecho de André Thévet (séc.XVI), frade francês, também interessado no estabelecimento da França Antártica:

..."Ajudam os Cristãos, de quem gostam (...) e consideram seus amigos, porque ensinaram a eles como cortar a madeira com o ferro, que forneceram para eles[9]*."...*

Com isto fica claro que os brancos ganharam a confiança dos indígenas, no caso, os Tupinambá, em boa medida, através dos machados, bem como de outros instrumentos de metal que os forneceram.

Retornando às lâminas de pedra, é Frei Vicente de Salvador que nos traz uma das citações que parecem mais exageradas no que diz respeito à sua eficiência, pois, segundo ele, os indígenas

"(...)gastavam muitos dias em cortar uma árvore[10]*."...*

Embora não seja mencionada a espessura da referida árvore, caso se tratasse de uma das grandes centenárias, talvez demandasse todo esse tempo. Ainda assim, certamente essa não devia ser a regra. Primeiramente porque estas árvores nunca são muito numerosas, e sua remoção tampouco seria sempre necessária. Além disso, não há outras menções a tal fato que, sem dúvida, chamaria a atenção dos europeus.

Já o capuchinho francês Yves d'Evreux (séc.XVI), que esteve no Maranhão com uma guarnição francesa, objetivando o estabelecimento da França Antártica, informa-nos sobre um tipo muito específico de machado, que chama atenção tanto pela forma quanto pela beleza, e nos indica ainda sua função não meramente utilitária. Ele relata o uso destes machados, que hoje chamamos de semilunares, pelos Tremembé, quando em guerra contra os Tupinambá do Maranhão, aliados dos franceses, de um dos quais recebe esta informação, após sobreviver a um ataque daqueles.

"(...)jaziam mortos seus companheiros, que foram encontrados com as cabeças rachadas, e sobre seus corpos os machados de pedra, instrumentos dessas atrocidades, por ser costume entre eles nunca se servirem duma arma com que já mataram um inimigo.

8-Fernão Cardim, Tratados da Terra e Gente do Brasil. Editora Itatiaia, Belo Horizonte. 1980. p. 94-95

9-André Thévet. Singularidades da França Antártica. p. 221. Rio de Janeiro 1944.

10-Frei Vicente de Salvador. História do Brasil. p. 55 São Paulo 1918.

Caruatapyran, um dos Principais de Comã, trouxe-me um desses machados de pedra, ainda tinto de sangue, com alguns cabelos aderentes, e com um pouco do cérebro do Principal Ianuaran, que com ele foi morto, o que soube por ser encontrado sobre seu corpo.

Caruatapyran pegando um desses machados, em forma de crescente, ensinou-me o que eu não sabia, dizendo-me terem os Tremembé o costume mensal de velar toda a noite fazendo seus machados até ficarem perfeitos, em virtude da superstição, que nutriam, de que indo para a guerra armado com tais instrumentos nunca seriam vencidos, mas sempre vencedores[11]*."...*

O trecho acima mostra que estes machados eram como que armas mágicas, itens rituais, portadores de qualidades especiais, mas, também, de limitações rituais. Eram peças "perfeitas", que demoravam vários dias (ou noites) para ficarem plenamente aptas para seu uso. Chamavam a atenção, inclusive dos inimigos. Era utilizado, embora não devidamente especificado no texto, para quebrar o crânio da vítima, e apenas uma única vez. O objeto deveria ser deixado finalmente com o inimigo morto.

De fato estas peças são admiráveis e feitas com esmero, tanto que chamaram especialmente a atenção deste europeu, e viria a chamar a de tantos outros mais tarde.

No que toca ao aspecto tecnológico é o Padre Antônio Sepp (séc.XVII), jesuíta alemão na região Sul do Brasil, quem nos traz as primeiras informações. Ele menciona o modo de fabricação das lâminas, desde seu início. No presente caso ele se refere aos Tupinambá. Segundo ele, os indígenas

"(...)tiravam seixos dos rios, de dureza que se pode igualar ao ferro, esfregando-os e afiando-os de modo que cada um servia de pedra amoladora para o outro até que obtivessem o gume de um machado de ferro, em seguida faziam um cabo de madeira, no qual introduziam uma pedra, valendo-se deste instrumento para todos trabalhos, por exemplo para cortar árvores e lenha[12]*."...*

É curiosa a menção da utilização de um seixo como polidor, o que seria, talvez, uma interpretação equivocada, já que a superfície polida de um seixo não seria adequada ao polimento de outra peça. É mais provável que outra peça (sem neocórtex) fosse utilizada como polidor móvel. Notamos também a ênfase que o autor dá à resistência e à aparente eficiência dessas peças, possivelmente devido à surpresa que a confecção e utilização destes instrumentos teria provocado. Sem dúvida é uma menção digna de nota, pois é a primeira vez que notamos uma observação da ferramenta de pedra sem qualquer demérito, em igualdade com o machado de ferro.

Embora o machado seja uma ferramenta aparentemente disseminada por todas as regiões, observamos também a existência de grupos que não faziam uso dela, como nos descreve Soares de Sousa ao falar dos maracás (Maracajás?)

..."*Não costuma êste gentio plantar mandioca, nem fazer lavouras senão de milhos e outros legumes, porque não têm ferramentas com que roçar o mato e cavar a terra, e por falta dela quebram o mato pequeno às mãos, e às que as derruba, e cavam a terra com paus agudos; para árvores grandes põem fogo ao pé de onde está lavrado até plantarem suas sementeiras, e o mais tempo se mantêm com frutas silvestres e com caça, a que são muito afeiçoados*[13]*."...*

Mais uma vez notamos o uso do machado, ou, no caso, a ausência dele, asso-

11-Ives D'Evreux. Viagem ao Norte do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca de Escritores Maranhenses, 1929.

12-Antônio Sepp. Continuación de los labores apostólicos. p. 300. Editorial Universitária. Buenos Aires, 1973

13-Gabriel Soares de Sousa. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. EDUSP. 1971. p.340

ciada exatamente à ausência de agricultura desenvolvida, como as roças de mandioca observadas em outros grupos. Aqui vemos que caçadores-coletores, com uma agricultura incipiente, eventualmente pudessem prescindir de seu uso, embora haja casos recentes, como o dos Xetá, de caçadores-coletores que utilizavam o machado de pedra. No caso destes últimos, devemos ainda considerar este dado com cautela, pois a população havia sofrido um decréscimo acentuado devido ao seu extermínio por parte dos não índios da região. Esta situação ocasionou mudanças profundas na dinâmica do grupo. Uma destas mudanças foi o aumento na sua mobilidade, o que, consequentemente, diminuiria suas possibilidades de cultivo. Algo semelhante pode ter acontecido com o grupo mencionado por Soares de Sousa.

Além destes observadores dos primeiros séculos de contato, temos aqueles que os sucederam, séculos adiante. Alguns já eram conhecidos, ou pelo considerados como, etnólogos. Dentre estes, podemos destacar o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied (séc.XIX), que nos informa sobre o uso dos machados comuns também pelos Botocudos, do tronco Macro-Gê (já que os grupos anteriormente mencionados, com exceção feita à menção dos semilunares, pertenciam ao grande tronco Tupi), embora já tivessem posse dos machados de metal. Ele detalha que eram

"(...)feitos de nefrite dura de cor verde ou cinzenta. Depois de devidamente afiada, podiam com ela abrir ramos e troncos ocos de dureza não muito grande; para isto, ora seguravam-na só com a mão, ora amarravam-na solidamente entre dois paus, grudando-a depois com cera[14]."...

Com relação ao tipo de encabamento, poucas são as novidades, a não ser pelo fato de ser observado o acréscimo de cera para a preensão, algo talvez já existente, apenas não observado pelos cronistas anteriores. A informação nova é a de que poderiam ser utilizados sem cabo, apenas segurando-os com a mão. Esta forma de utilização pode nos parecer estranha, mas seria perfeitamente factível, como podemos perceber. Estes troncos, menos duros e, eventualmente ocos, poderiam conter mel ou vermes, finas iguarias para muitos grupos indígenas. Talvez as atividades que exigissem maior esforço (e que, portanto, demandariam uma lâmina encabada) fossem já, na maioria das vezes, reservadas aos machados de metal, os quais, como lembra o príncipe em outro trecho, já possuíam. Além disso, o fato de ainda utilizarem os machados de pedra para algumas tarefas indica um certo apreço que estas comunidades guardavam por estes instrumentos, algo verdadeiramente pouco observável em comunidades do tronco Tupi. Já a identificação da matéria-prima (nefrite), que denota um cuidado na observação do objeto, deve ainda ser tomada com cuidado, pois sem observar a rocha fresca é muito difícil precisar sua identificação. Por outro lado, a nefrite parece ser uma rocha frágil demais para ser utilizada como machado, o que corroboraria sua utilização sem o cabo e apenas em atividades de baixo impacto, talvez mais como um item de prestígio.

Spix e Martius (séc. XIX) também mencionam e mostram uma ilustração de um machado dos Miranhas, com 22 polegadas de comprimento[15], contando com o cabo. A maior importância deste trecho pode ser creditada à mensuração do cabo que, por ser confeccionado em matéria orgânica, não se preserva bem em contextos arqueo-

14-Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. Viagem ao Brasil. p. 293-4. São Paulo, 1940.

15-Spix, J. B. & Martius, C. Fr. Ph. Viagem pelo Brasil. III, IX, cap. 1. 1976. (Original de 1823/31)

Figura2, pintura rupestre da Lapa do Caetano em MG

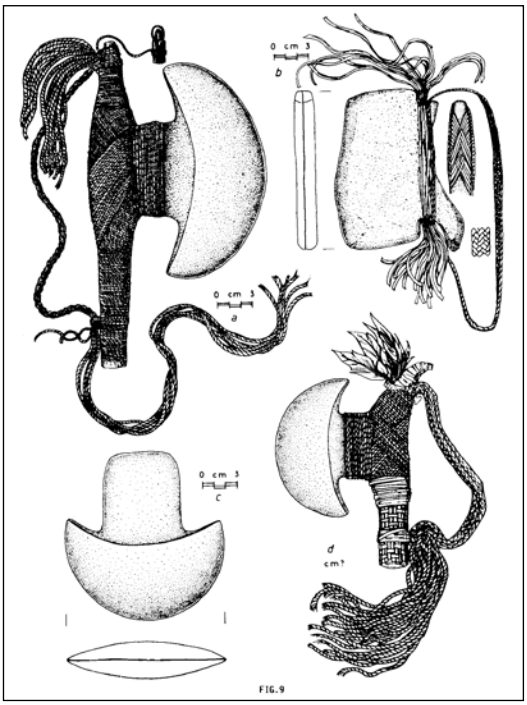


Figura4, Semilunares encabados em cabos curtos.

lógicos, de modo que apenas em situações absolutamente excepcionais podem ser encontrados. Os autores fazem também uma menção de que as tribos que utilizavam os semilunares apresentavam algum tipo de devoção à lua. E afirmam sobre um destes objetos:

...*"Um machado de pedra, com cabo curto, é emblema de reputação*[16]*."*

É fato que até hoje algumas tribos Gê os têm como bens de prestígio, encabados nestes cabos curtos mencionados. No entanto há (e houvera) outros, encabados em cabos longos, como um exemplar que se encontra em um museu de Copenhagen, ou como os representados nos paredões de pinturas rupestres no interior do Brasil (Figuras 2 e 4).

Já Rugendas nos traz a informação que nos permite supor uma reminiscência, ao mencionar que os indígenas costumavam utilizar as lâminas de metal encabadas da mesma maneira como se fazia com as de pedra. No relato, do século XIX, a lâmina seria presa entre as duas "talas", ou na extremidade fendida de um cabo, amarrado com fibras (ou uma corda), exatamente como o sistema mencionado por Carneiro (1979), numa tentativa de recuperação entre os Yanomami.

Kózak é quem finalmente teria trazido informações mais recentes sobre a utilização destes instrumentos. Ele filmou a derrubada de uma árvore com um machado de pedra, utilizado por um membro de um grupo que havia recentemente trocado a pedra pelo metal; os Xetá, no Paraná dos anos 60. Porém a experiência teria sido tão artificial que, segundo Prous (comunicação pessoal), que recebera informações de uma testemunha ocular (A. Laming-Emperaire), o valor dos dados obtidos é bastante limitado, inclusive porque boa parte do corte teria sido feita com o machado de metal, já que Kózak não teria tido paciência para esperar o índio acabar de cortar a árvore com a lâmina de pedra. De fato esta utilização diversa se torna evidente na foto tirada em que aparece o

16-*Op. Cit. II, p. 237*

indígena segurando o machado de pedra próximo ao corte, publicada, entre outros, in: Laming-Emperaire, A. et al (1978), pois o corte se mostra muito diferente de um corte realizado com machado de pedra, como pude observar nas experimentações realizadas no Museu de História Natural da UFMG (Figura 3, troncos da esquerda)

A pesar de alguns problemas como estes, advindos de interpretações equivocadas do pesquisador, falta de comunicação adequada com os indígenas ou tentativas de recuperação de técnicas abandonadas, podemos obter informações importantes a partir dos relatos. Kózak menciona três. Uma delas é a de que o encabamento era feito através do encaixe da lâmina em um buraco escavado no nó de um galho. O posicionamento no nó se deveria ao fato de que o entrelaçamento das fibras neste local proporcionaria maior resistência aos choques. Este seria o encabamento de tipo embutido. Uma segunda informação interessante seria a utilização de argila branca e areia fina para o polimento. Esta informação é relevante pois apresenta a utilização de dois abrasivos de fina granulometria, destinados a um acabamento delicado, mas que certamente seria também muito demorado. Finalmente uma terceira é a informação por ele recebida de que quatro homens a cortar uma árvore de 135cm de diâmetro dariam cabo do serviço em um único dia.

Além destas é com Stradelli, através de suas pesquisas em lingüística, que obtemos boas informações recentes sobre o uso dos machados. É bem detalhado o relato sobre o corte de uma árvore, em um trabalho realizado no alto rio Uaupés.

...*"O machado serve para fazer um primeiro entalhe ao redor da árvore, machucando antes do que cortando a casca. Feito isto e passados alguns dias, para o lugar machucado secar ou ao menos murchar, aglomeram em torno da árvore uma porção de mato seco e depois lhe dão fogo. A parte machucada, por isso mesmo que, se não teve tempo de secar, pelo menos murchou, naturalmente pega fogo de preferência ao resto. Apagado o fogo, com o machado fazem saltar a camada de carvão que ficou desta primeira operação, e põem a madeira a nu, logo em seguida ateando novo fogo e fazendo, apagando este, saltar a nova camada de carvão, e continuando assim até conseguir a queda da árvore*[17]"...

Figura3, corte com lâmina de pedra (esq.) e de metal (dir.).

Este procedimento certamente se destinava apenas à derrubada de árvores muito grandes, pois as árvores de portes menores teriam sido derrubadas sem muita dificuldade utilizando-se os machados apenas,

17-Stradelli, E. "Vocabulário da língua geral portuguesa--nheêngatu e nheêngatu-portuguêS.In: Revista do IHGB, tomo 104, p. 575. Rio de Janeiro 1929.

como as demais citações nos permitem observar.

Diante de todas estas citações parece claro que o papel que estes artefatos ocupavam na vida destas populações é grande. De fato sua importância vai além, dado que até no pós-morte, sua presença parece cumprir um papel. É isso que podemos entrever através deste trecho do jesuíta Simão de Vasconcelos.

"Uns os enterram em um vaso de barro, que chamam igaçaba, com sua foice e enxada ao pescoço, ou semelhante instrumento de seu trabalho para que possam na outra vida fazer suas plantas, e não morram de fome[18]*."*

Embora não mencione especificamente a lâmina polida, é fato que elas são freqüentemente encontradas em sepultamentos. Ademais, fica claro que o "instrumento de seu trabalho" tem que ir junto ao sepultado, para que trabalhe com ele na outra vida. O machado seria de suma importância na abertura das roças. Eis uma das possíveis razões pelas quais ele esteja associado aos sepultamentos.

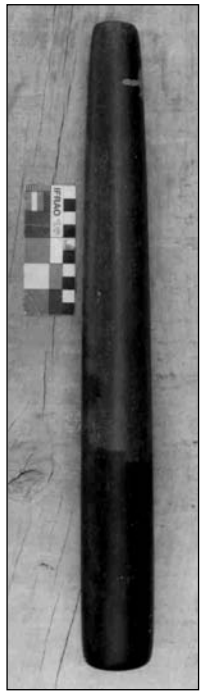
Estas são algumas das principais informações que puderam ser coletadas ao longo dos séculos por cronistas, naturalistas, viajantes, etnólogos e lingüistas, a respeito das lâminas polidas. Infelizmente muitas vezes estes relatos foram esquecidos, mas, como pudemos observar, podem subsidiar fortemente nossos estudos.

Já em fins do século XIX e início do século XX os primeiros trabalhos de arqueologia são publicados tendo como foco os machados de pedra e, neste impulso, as informações se multiplicam, indo desde a simples apresentação de desenhos e pequenas conjecturas a obras completas que envolvem o estudo destes objetos a fundo.

18-Simão de Vasconcelos. Crônica da Companhia de Jesus. Coleção Dimensões do Brasil. Editora Vozes. Petrópolis 1977. Vol. 1. p.103.

Finalmente, todas estas menções, por si mesmas, sua variedade e recorrência mostram que de fato eram instrumentos utilizados por vários grupos em grande extensão do território do atual Brasil.

AS INFORMAÇÕES SOBRE AS MÃOS-DE-PILÃO (Figuras 5 e 6)



Figuras 5 e 6, mãos-de-pilão

No que diz respeito a estes artefatos, as informações não são tão vastas. De fato, as informações são quase inexistentes e, geralmente, se referem ao uso de mãos-de-pilão de madeira, ou simplesmente não se considera a matéria-prima do artefato, como neste trecho de Soares de Sousa.

..."Para se fazer esta farinha se faz prestes muita soma de carimã, a qual, depois de rapada, pisam num pilão que para isso têm, e como é bem pisado a peneiram muito bem, como no capítulo antes fica dito[19]*."...*

Percebemos neste trecho que, como as

19-Gabriel Soares de Sousa. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. EDUSP. 1971. p.178

lâminas polidas, estes artefatos teriam uma importância capital no modo de vida dos indígenas, pois estão profundamente inseridas no processo de preparo do alimento. No caso, o alimento é a farinha de guerra, que é o sustento dos guerreiros em expedições distantes.

Contudo, a mão-de-pilão não se destinava apenas ao processamento da mandioca para a dita farinha, mas para outros tipos de farinha (a base da alimentação destes povos), como fica claro no trecho de Simão de Vasconcelos (séc.XVII), jesuíta que dá conta dos hábitos de indígenas em várias partes do Brasil.

"Prepara-se também de outras maneiras a mandioca: partem-se as raízes verdes depois de limpar em diversos pedaços, estes se põem a secar ao sol por dois dias, depois de secar, pisam-se em um pilão e faz-se farinha, a que os índios chamam tipirati, os portugueses farinha crua[20]."

O trecho, anterior, de Soares de Sousa, permite ainda entrever mais uma faceta importante da sociedade Tupinambá, as guerras de vingança; um motor da vida social destes grupos. O fato de a mão-de-pilão estar inserida neste processo já denota um provável papel de relevo da mesma. Neste trecho infelizmente não há menção à matéria-prima da mão. Com efeito, ela tampouco é citada propriamente. Deduzimos a sua existência devido ao uso do pilão, que demandaria uma mão para seu contento. Com relação à matéria-prima, na verdade, menções à mesma estão absolutamente ausentes. Temos apenas uma menção à matéria-prima do pilão, no trecho do Padre Sepp.

"O cereal é grão ordinário e só é unicamente o milho, chamado grão turco, que aqui dá aos montes. Dele os índios fazem farinha, não no moinho porque eles não têm moinhos, mas socam-no num morteiro de madeira."

Neste caso, a ausência de menção à matéria-prima da mão talvez se deva ao fato de que seja a mesma do próprio pilão (madeira, no caso), o que é muito comum até hoje nos interiores do Brasil. Nestes interiores também se usa estes pilões para processar o milho, alimento que substitui a mandioca como base alimentar para os Guarani, como é o caso acima mencionado. Novamente vemos a mão associada ao processamento do alimento principal.

Como podemos perceber, no que tange a estes artefatos, os autores não são muito específicos e nos fornecem poucas informações. Talvez isso se deva ao fato de ser um instrumento já conhecido dos europeus e que, portanto, dispensaria maiores comentários. Ainda assim, sua importância é notória no contexto social, o que talvez justificasse a confecção de algumas destas peças em matéria-prima de qualidade diferenciada, como a rocha.

OS VIROTES

No caso dos virotes a situação parece ainda mais difícil de solucionar. Não há qualquer menção aos mesmos nos cronistas. Há menção de flechas que teriam sido utilizadas para apanhar pássaros sem que se estragassem suas penas, como nos relatos do Príncipe Maximilliano.

..."Os índios camacãs possuíam a 'flecha para pássaros', a 'flecha com farpas' e a flecha de guerra. Os botocudos também conheciam três tipos de flecha. As flechas para matar pássaros tinham sempre as pontas mais finas para que as belas penas não fossem danificadas[21]."...

20-Simão de Vasconcelos. Crônica da Companhia de Jesus. Coleção Dimensões do Brasil. Editora Vozes. Petrópolis 1977. Vol. 1 p.149

21-Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. Viagem ao Brasil. 1815 a 1817. Tradução de Álvaro Alfredo Bragança Júnior e Ingeborg Mathilde Kartl. Kapa Editorial, Petrópolis, 2001.

O próprio Príncipe denomina esta flecha para apanhar pássaros dos camacãs de "virota" em nota de rodapé. Contudo, a descrição da flecha dos botocudos para este fim vai de encontro com o que são os virotes. Estes seriam exatamente pontas rombas, que infligiriam dano por concussão (e não por perfuração como no caso acima descrito), de modo a não provocar sangramento, o que poderia danificar as penas.

De qualquer forma, a matéria-prima descrita nunca é a pedra, como é o caso dos artefatos arqueológicos de que temos conhecimento (Figuras 7 e 8). Esta parece não ter sido mais utilizada nos tempos do contato ou, talvez, não fosse algo a respeito do qual haveria motivos para ser mostrado aos não índios. Esta última hipótese faz mais sentido à luz do fato de que estes itens estão associados comumente aos grupos Gê (como os Xavante, que ainda hoje utilizam pontas rombas arremessadas por propulsores em competições rituais), cujo contato com os brancos foi sempre menos profundo se comparado aos contatos com os grupos Tupi. Não por acaso estes últimos são os mais citados pelos cronistas e viajantes.

Figuras 7 e 8, virotes.

OS ADORNOS

Os adornos são freqüentemente citados, fabricados nas mais diversas matérias-primas, sobretudo de origem animal ou vegetal (geralmente madeira, ossos ou conchas). Para nosso alento, também são bem representados na matéria-prima tema do presente trabalho, a pedra. As referências aos adornos confeccionados sobre rocha se concentram, sobretudo, nos tembetás. Estes são mencionados desde a carta de Caminha, como no trecho em que os portugueses, recém chegados, se encontram com um senhor indígena na margem de um rio.

...*"Trazia este velho o lábio inferior tão furado que lhe cabia pelo buraco um grande dedo polegar e trazia metido no buraco uma pedra verde – de pouco valor – que fechava por fora aquele buraco*[22]*."*...

Logo neste trecho inicial observamos informações importantes sobre os tembetás. Primeiramente ele nos permite certa mensuração da peça, que parece ter algo entre 2 e 3 centímetros de diâmetro, representada pela parte que trespassava o lábio inferior, fechando o buraco. Outro dado interessante é a matéria-prima mencionada; uma pedra, verde.

No que toca à matéria-prima, um aspecto que devemos notar é o aparente pouco valor atribuído ao adorno pelo português (e, supostamente, até pelo indígena), o que é reafirmado no trecho seguinte

...*"Então um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho, não tanto por que ela valesse alguma coisa, mas para amostra*[23]*."*...

22-Pero Vaz de Caminha. Carta do descobrimento do Brasil. Introdução atualização e notas de Silvio Castro. Editora L&PM Pocket,1985. p. 102

23-Op. Cit. p. 102 e p.103

O trecho faz parecer que, de fato, até mesmo o indígena via pouco valor na peça que trazia presa a seu lábio inferior. Não fora a mesma impressão que nos deixou Thévet ao se deter sobre estes adornos, confeccionados em pedra

"(...)de cor tirante à da esmeralda, pelas quais têm um tal apreço que não é fácil conseguir-se uma com eles, a não ser dando-lhes em troca um presente realmente excepcional, já que elas são muito raras por aqui.[24]"...

As rochas utilizadas na confecção destes adornos parecem ter ocupado um lugar de destaque nas sociedades do grupo Tupi (diferentemente da impressão que teria tido Caminha). A própria necessidade de seu uso teria implicado em alguma forma de comércio com outros grupos, cujo acesso à fonte da rocha era mais fácil, ou mesmo exclusivo, como fica claro no trecho que segue o acima referido, tratando das rochas.

..."São os índios de uma tribo vizinha que as trazem de uma alta montanha (...)[25]"

O comércio destas pedras parece ter sido algo recorrente, pois é também percebido por Léry onde dois indivíduos de grupos que não falam a mesma língua tentam comerciar, como vemos abaixo.

..."Em concordando, o convidado exibe por sua vez plumas, pedras verdes que coloca nos lábios, ou outros produtos de seu território. Combinam então o lugar da troca, a 300 ou 400 pés de distância; aí o ofertante deposita o objeto da permuta em cima de uma pedra ou pedaço de pau e afasta-se[26]."

Estes dados corroboram a idéia de que seja um hábito cultural importante relacionado a uma matéria-prima escassa, como Staden mostra ao falar do grande chefe Cunhambebe:

"Segundo o costume, trazia uma grande pedra redonda, de côr verde, enfiada ao lábio[27]."

Este adorno parece ter tido uma importância grande relacionada à identidade, percebida inclusive por aqueles externos ao grupo. Um espanhol, que há muito vivia entre os potiguares, seria considerado como um deles, devido ao fato de usar um tembetá, como nos deixa claro Soares de Sousa no trecho abaixo,

..."Neste rio Grande achou Diogo Pais de Pernambuco, língua do gentio, um castelhano entre os potiguares, com os beiços furados como êles, entre os quais andava fazia muito tempo,(...) [28]"

Notemos ainda que estes adornos estão estreitamente ligados ao gênero masculino, com uma interessante relação hierárquica de matérias-primas, como bem exposto pelo mesmo Staden no trecho que segue.

"No lábio inferior têm um grande orifício, e isso desde a infância. Fazem, nos meninos, com um pedaço aguçado de chifre de veado, um pequeno furo através dos lábios. Aí metem uma pedrinha ou pedacinho de madeira e untam-no com seus ungüentos. O pequeno buraco permanece então aberto. Quando os meninos crescem e se tornam capazes de trazer armas, fazem-lhes maior êsse buraco. Enfia-se então no mesmo uma grande pedra verde. A extremidade superior, delgada, coloca-se para dentro, na boca, e a espessa pendura-se externamente. Com o peso da pedra fica-lhes sempre o lábio pendente. Em ambos os lados da boca, nas bochechas, trazem ainda, em cada uma delas, uma pequena pedra. Lapidam todos os sei-

24-André Thevet. Singularidades da França Antártica. Tradução de Eugênio Amado. EDUSP 1978. p.113.

24-André Thevet. Singularidades da França Antártica. Tradução de Eugênio Amado. EDUSP 1978. p.113.

26-Jean de Léry. Viagem à Terra do Brasil. (Trad. Sérgio Milliet) Ed. Itatiaia. 1980. p.81

27-Hans Staden. Duas viagens ao Brasil. (Transcrito do Alemão moderno por Carlos Fouquet) Editora EDUSP

28-Gabriel Soares de Sousa. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. EDUSP. 1971. p.178

Figura 9, tembetá curto em amazonita.

Figura 10, Cunhambebe utilizando um tembetá curto.

Figura 11, tembetá alongado.

xos ovais e redondos. Alguns têm cristais em vez de pedras comuns. Estes são delgados, mas do mesmo comprimento[29]."

Este trecho é particularmente rico, pois mostra boa parte do processo que envolve o uso do tembetá, desde o furo do lábio com um chifre de veado, ainda na tenra infância. Aborda o uso da rocha verde quando adulto (explicando a forma de preensão na boca) e até mesmo tomando nota do lábio frequentemente pendente devido ao peso da pedra. Também menciona a possibilidade do uso de mais de um destes adornos (nas bochechas) por pessoa, bem como a utilização de outra matéria-prima em sua confecção, no caso, cristais. Estes artefatos em que são utilizados cristais, ao que parece, apresentam mesmo uma morfologia diferenciada e, certamente, denotam o prestígio do usuário, como fica claro em outro trecho do mesmo.

"(...)seu tesouro são penas de pássaros. Quem as tem muitas, é rico e quem tem cristáis para os lábios e faces é dos mais ricos[30]."

A existência de morfologias diferenciadas também fica clara em um trecho de Léry, onde ele percebe duas. Uma delas, aparentemente a mais mencionada é,

"(...) do tamanho de uma moeda do lado de fora e do lado de dentro presa por uma parte mais larga;(...)[31]" (Figuras 9 e 10)

Mas acrescenta que

"(...) algumas existem compridas e roliças como um dedo (...)[32]" (Figura 11)

O valor que davam aos adornos, como os tembetás (também denominados metaras) ou a colares de contas é muito significativo, sobretudo em se tratando de matérias-primas escassas. Este valor pode chegar ao ponto em que os prisioneiros de guerra (que fornecem aos Tupi as mais altas honrarias nos rituais antropofágicos) sejam trocados

29-Hans Staden. Duas viagens ao Brasil. (Transcrito do Alemão moderno por Carlos Fouquet) Editora EDUSP 1974. p.168

30-Op. Cit. p.172

31-Jean de Léry. Viagem à Terra do Brasil. (Trad. Sérgio Milliet) Ed. Itatiaia. 1980. p.113

32-Idem.

por uma delas, como vemos neste trecho de Cardim ao falar de um tipo de búzio.

"Os maiores que ha se chamão Guatapiggoaçú. sc. buzio grande; são muito estimados dos naturais, porque delles fazem suas trombetas, jaezes, contas, metaras, e arrecadadas, e luas, para os meninos, e são entre elles de tanta estima que por hum dão huma pessoa das que tem cativas;(...)[33]"

Notemos ainda que o valor do adorno poderia estar ligado ao processo de fabricação, que parece muito custoso, e ao qual dedicavam tempo. O trabalho era realizado com esmero, como notamos neste trecho de Soares de Sousa, em que afirma que

"(...)lavram devagar, roçando-as com outras pedras tanto até que as aperfeiçoam à sua vontade.[34]"...

Igualmente em Thévet vemos a admiração pelo trabalho realizado nos adornos, as "metaras".

...*"Antes de usá-las, os selvagens pulem*(sic.) *estas pedras com uma outra apropriada para tal fim. O polimento é tão perfeito que o mais hábil joalheiro não o faria melhor.[35]"*...

Eram artefatos de tão elevada estima que até após a morte deveriam acompanhar aquele que os teria ostentado em vida. O objetivo de tal costume seria (certamente entre outros) de que não despertasse maus sentimentos (tal a cobiça), como nos mostra outro trecho, de Cardim, quando menciona um sepultamento.

"(...)e assi os vão chorar por algum tempo todos os dias seus parentes, e com elle metem todas as sua joias e ***metaras****, para que as não veja ninguem, nem se lastime;(...)[36]"*

Talvez, um trecho de Simão de Vasconcelos seja o que melhor resuma toda a importância dada a estes adornos pelos indígenas, pois mostra que para mantê-los e prezá-los são capazes de doar a própria vida.

..."*Estes e outros semelhantes, são seus títulos vários e várias suas presunções, e timbres da nobreza de suas casas, de que muito se prezam, e por cuja defensão darão as vidas, e passarão por todos os inconvenientes do mundo, por não desdizerem do que pede cada um destes títulos: dada uma caveira destas, ou fio de dentes, ou pedra de face, ou beiço, em penhor de sua palavra, não faltarão com ela, ainda que lhe custe a vida[37].*"...

Felizmente, encontramos uma última informação excepcional sobre a fabricação dos tembetás, recolhida pelo Padre Jaime Rodriguez Cândela, num manuscrito de 1970. Curiosamente as informações vêm de uma aldeia Kayapó, dos Gorotires (grupo afiliado ao tronco lingüístico Macro-Gê, entre os quais é mais comum a utilização de outro tipo de adorno labial). Segundo o Padre, Bep-inhó, um kayapó com cerca de 70 anos, teria dito que o kruturam (nome dado por eles ao tembetá) deve ser feito a partir de um cristal "grosso e comprido, para fazer bonito. Que se for fino da muito trabalho para fazer a cabeça." Disse ainda que, para fazer um tembetá, como lhe fora requisitado pelo Padre, precisava "ir à serra para procurar um pedra para pulimentar o quartzo que le(sic.) foi entregado.(...) Ao dia seguimte(sic.) foi ao córrego que passa perto da casa, carregando a pedra e o cristal de quartzo.(...) Junto da água assentou o bloco de arenito, o molhou

33-Fernão Cardim, Tratados da Terra e Gente do Brasil. Editora Itatiaia, Belo Horizonte. 1980. p.52

34-Gabriel Soares de Sousa. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. EDUSP. 1971. p.341

35-André Thevet. Singularidades da França Antártica. Tradução de Eugênio Amado. EDUSP 1978. p.113

36-Fernão Cardim, Tratados da Terra e Gente do Brasil. Editora Itatiaia, Belo Horizonte. 1980. p.94 (grifo do original em itálico)

37-Simão de Vasconcelos. Crônica da Companhia de Jesus. Coleção Dimensões do Brasil. Editora Vozes. Petrópolis 1977. Vol. 1 p.104-105

e começou a esfregar o cristal pelas arestas, seguinda(sic.) a direcção da mesma aresta com um movimento de adianta para atrás. Nunca de lado pra o lado. Molhava freqüentemente a rocha. Nunca molhou o cristal, que foi desgastando, aresta após aresta até deixar um cilindro bastante perfeito, arredondando os estremos(sic.). Feito isso em poucas horas, começou afinar o corpo do kruturam, antes de fazer a cabeça. Nunca usou areia."

CONSIDERAÇÕES GERAIS

As notas dos cronistas e viajantes certamente permitem aclarar a importância destes artefatos, seus lugares na sociedade e suas eventuais posições hierárquicas relacionadas às matérias-primas.

Lembremos porém que os virotes, por exemplo, tão pouco notados, teriam tido sua importância perceptível indiretamente, como neste último trecho, que dá às plumagens um valor elevado. Elas são adquiridas através de pássaros, que são caçados com flechas específicas, em cujas pontas estão os virotes, exatamente para que se aproveitem ao máximo as penas. Além disso, o simples fato de ter sido confeccionado em pedra já mostra a importância que ele teria, pois a confecção de um deles em rocha é obviamente muito mais custosa do que em madeira ou osso.

No que toca aos adornos labiais, devemos ter em mente a clara distinção entre os tembetás (essencialmente Tupi), masculinos, e os botoques ou kimwa (comumente associados aos grupos Gê), utilizados por ambos os sexos, como nos mostra Alcide D'Orbigny, naturalista francês que viajou pelo interior do Brasil no século XIX.

"Para fabricar os botoques com que se enfeitavam, os botocudos empregam a madeira de árvores novas de barrigudo (emburés, em sua língua). Quando a criança começa a crescer, furam-lhe as orelhas e o lábio, depois introduz-se ali um pedaço de madeira de pequena dimensão, a princípio, e, para substituí-lo, quando a ferida começa a cicatrizar-se, um pedaço de pau maior. Aumentando aos poucos, o disco chega até três polegadas de diâmetro;(...) Mais graciosos e mais bonitos do que os homens, as mulheres, no entanto, se desfiguram da mesma maneira, o que lhes dá um aspecto repugnante[38]." (Figuras 12 a 14)

Figura 12, botocudo utilizando o kimwa ou botoque

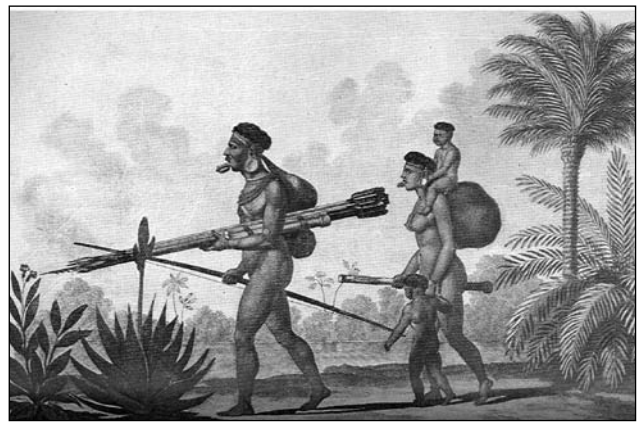


Figura 14, homem e mulher utilizando os botoques nos lábios e orelhas.

Este tratamento aplicado às orelhas dos

38-Alcide D'orbigny. Viagem Pitoresca através do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia,1976. p.122

botocudos (nome genérico aplicado a grupos Gê, que se deriva dos adornos que usam; os botoques), é bem explicitado no trecho de Álvar Nuñez Cabeza de Vaca, nobre espanhol do século XVI, que ia em direção ao Rio da Prata como governador.

"(...)las orejas tienen horadadas y ton grandes que por los agujeros que tienen en ellas les cabe un puño cerrado, y traen metidas por ellas unas calabazuelas medianas, y contino van sacando aquéllas y metiendo otras mayores; y ansí, las hacen tan grandes, que casi llegan cerca de los hombros, y por esto les llaman los otros indios comarcanos orejones,(...)[39]"

Também em nota de rodapé**.**

*"Llamábase **botoque** a esta cáscara o trozo de madera introducido en el lábio inferior. De aqui, **botocudos**.[40]"*

Este trecho esclarece que as matérias-primas principais são diferentes entre os tipos de adornos. Essencialmente são utilizadas rochas na confecção dos tembetás, como vimos exaustivamente até agora. Já os botoques são confeccionados sobre matérias-primas vegetais. Os tamanhos são igualmente diversos. Botoques são maiores de três a quatro vezes em relação aos tembetás, e se destinam a alargar os locais de uso, sejam eles os lábios ou as orelhas (nas quais não se utilizam tembetás). A utilização nas bochechas também parece ser atributo específico dos tembetás.

Finalmente, observemos a questão dos instrumentos em miniatura. Embora não sejam explicitados dados sobre eles nas matérias-primas de que nos ocupamos aqui, é importante notar que referências aos mesmos estão presentes nos textos. Estes trechos nos fornecem referências para balizar nossa análise ao nos depararmos com artefatos em tamanhos muito menores que o habitual. Uma destas referência advém de Cardim, ao se debruçar sobre a criação dos filhos, onde o papel simbólico das miniaturas fica claro.

"(...)o pai lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra, (...), se é macho lhe faz um arco com frechas, e lho ata no punho da rede, e no outro punho muitos molhos d'ervas, que são os contrarios que seu filho há de matar e comer, (...)[41]."

Notamos assim como permanecem profícuas as leituras dos viajantes e cronistas, muitas vezes esquecidos, mas que felizmente tem sido retomandos. Em alguns casos nos permitem compreender diversas etapas da vida de um artefato, desde a fabricação, seu uso, seu papel social e, até mesmo seu "descarte" sepultado junto a seu detentor em vida. Entretanto, algumas lacunas permanecem. É esperando preencher parte delas que continuamos a fazer arqueologia, e a analisar nossos "cacos" e "pedras", tentando vislumbrar as carnes e mentes por detrás deles.

39-Álvar Nuñez Cabeza de Vaca. Naufrágios y Comentários. Colección Austral. Espasa-Calpe Argentina S.A Buenos Aires-México. 1942. p.202

40-Op.Cit. p.208 (grifo do original em itálico)

41-Fernão Cardim, Tratados da Terra e Gente do Brasil. Editora Itatiaia, Belo Horizonte. 1980. p.91

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Lucas de Melo Reis. "Estilo, Forma e Função: Das Flechas Xikrin aos Artefatos Líticos" In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Vol 13.** São Paulo, 2003. P. 211-226.

CABEÇA DE VACA, A. **Naufrágio e comentários**. Porto Alegre: L. & PM POCKET ed., 1999. (original: 1546).

CAMINHA, Pero Vaz de-. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Rio de Janeiro: Agir, 1965. (original: 1500)

CARDIM, F. **Tratado da Terra e da gente do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1939. (texto original: últimos anos do século XVI)

CARNEIRO, R.L. 1979 "Tree felling with a stone ax: an experiment carried out among the Yanomamö indians of southern Venezuela", In: **Ethnoarchaeology: Implications of Ethnography for Archaeology.** Kramer ed., Colombia University Press, New York : 21-58.

DAVID, Nicholas & KRAMER, Carol. **Ethnoarcheology in Action.** London: Cambridge University Press, 2001.

DUNNELL, Robert C. **Classificação em Arqueologia.** São Paulo: Edusp, 2007.

EVREUX, Yves d'O.M. **Viagem ao norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca de Escritores Maranhenses, 1929 (original: 1628).

KÓZAK, Vladimir., Baxter, D., Williamson, L. & Carneiro, R. "The Héta Indians: fish in a dry pound" Anthrop. Papers of the Am. Mus. of Nat. History, New York 1979 (existe uma versão em português, publicada na Revista do Inst. Geogr. e Etnogr. Paranaense).

LAMING-EMPERAIRE, Annette; MENEZES, Maria José & ANDREATTA, Margarida. "O trabalho da pedra entre índios Xetá, Serra dos Dourados, Estado do Paraná." **Coleção Museu Paulista**, ***Série Ensaios***. São Paulo, USP, v.2, 1978.

LÉRY, Jean de-. **Viagem à Terra do Brasil**. São Paulo: Martins/EDUSP, 1972. (original 1576)

OTT, Carlos F. "Contribuição à arqueologia baiana." Boletim do Museu Nacional. Antropologia. Rio de Janeiro, v.5, 1940.

OTT, Carlos F. Pré-História da Bahia. Salvador, 1958.

PETREQUIN & PETREQUIN. **Ethnographie d´un outil de pierre: les haches polies de L´Irian Jaya**. 1989.

PROUS, A., Alonso, Márcio., PILÓ, Henrique., XAVIER, L. A. F., LIMA, Ângelo Pessoa. & SOUZA, Gustavo Neves de - 2003. "Os machados pré-históricos no Brasil - descrição de coleções brasileiras e trabalhos experimentais: fabricação de lâminas, cabos, encabamento e utilização". **Canindé**. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. 2:161-236.

PROUS, André. "A Experimentação em Arqueologia". Anais da V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. In: Revista do Cepa. Editora FISC. Vol. 17 p.17-31, 1990.

PROUS, André. "Os artefatos líticos elementos descritivos e classificatórios." Arquivos do Museu de História Natural/UFMG. Belo Horizonte, v.11, p. 19-20, 1986/90.

PROUS, André. "Os instrumentos polidos e picoteados" In: *Santana do Riacho*. Arquivos do Museu de História Natural/UFMG. Belo Horizonte, v.1, n.12, p.211- 228, 1991.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: UNB, 604 p., 1992.

ROSTAIN, Stephén. "Etude d'une chaine opératoire: les haches em pierre polie d'Amazonie." **Arquivos Museu de História Natural/UFMG**. Belo Horizonte, v.11, p.195-237, 1986.

SALVADOR (Frei Vicente do -) História do Brasil. Bahia, 1627.

SCHIFFER, Michael B. **The material life of human beings : artifacts, behavior, and communication**. London. New York, Routledge, 1999.

SEPP, A. **Continuación de los labores apostólicos**. Editorial Universitária. Buenos Aires, 1973.

SERVELLE, Christian & VAQUER, Jean. "Les haches polies em cinérite du Rouergue, des producteurs aux consomateurs." Rencontres méridonales de Préhistoire récente, Troisiéne session, Tolousse, 1998. In: **Éditons Archives d`Ecologie Préhistoire**, 2000, p. 81-100.

SOUSA, Gabriel Soares de-. Tratado descritivo do Brasil em 1587. São Paulo: EDUSP, 1971.

SOUZA, Gustavo Neves de. "O Material Lítico Polido do Interior de Minas Gerais e São Paulo: primeiras observações e dados preliminares." **Anais do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira** (2005).

SOUZA, Gustavo Neves de. **As Lâminas de Machado Pré-Históricas do Brasil: Revisão Bibliográfica e Estudos Recentes.** (Monografia de Graduação 100 p., 2003)

SPIX, J. von - & MARTIUS, C. von - **Viagem pelo Brasil**, 3ª ed., Melhoramento. São Paulo, 1976. Original: München,1823/31.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968. (original: 1557).

STRADELLI, E. "Vocabulário da língua geral portuguesa-nheêngatu e nheêngatu-português" *In:* **Revista do IHGB, tomo 104**. Rio de Janeiro 1929.

THEVET, André. Singularidades da França Antártica. Rio de Janeiro, 1944. (original: 1558).

TIBURTIUS, Guilherme & LEPREVOST, A. "Nota prévia sobre a ocorrência de machados de pedra nos estados do Paraná e Santa Catarina." **Arquivos Biologia e Tecnologia**. Curitiba, v.8, p.503-556, 1953.

WIED-NEUWIED, M. von – Viagem ao Brasil, Cia Ed. Nacional, Col. Brasiliana, São Paulo, 1940.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

Figuras 1 e 4: Arquivos do Museu de História Natural XI

Figura 2: O Patrimônio arqueológico da região de Matozinhos: Conhecer para Proteger p. 73.

Figura 3 e 9: Márcio Alonso

Figura 5: André Prous

Figuras 6 a 8 e 11: Gustavo Neves de Sousa

Figura 10: LÉRY, Jean de-. Viagem à Terra do Brasil. São Paulo, Martins/EDUSP, 1972. (original 1576)

Figuras 12 a 14: WIED-NEUWIED, M. von – Viagem ao Brasil, Cia Ed. Nacional, Col. Brasiliana, São Paulo, 1940. *Homo.* Nature, London, 355:783-790.